

OS EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS NOS JORNAIS JAPONESES DO BRASIL

Junko Ota

I. Introdução

As línguas, do ponto de vista da sociolinguística, não são uniformes ou homogêneas em sua estrutura. As diferenças encontradas nos hábitos de fala de uma comunidade não são livres, mas correlacionadas a diferenças sociais sistemáticas (Cf. Bright, 1974). A língua não é um fenômeno isolado das conjunturas sociais e culturais de um grupo que a fala. Ela é uma das expressões do quadro social e cultural a que pertence, refletindo a visão de mundo dos elementos do grupo.

O conjunto das dimensões de sociolinguística que condicionam a diversidade linguística é composto de emissor, receptor e contexto. Neste trabalho, o enfoque maior a ser dado será o contexto, uma vez que vamos analisar a influência do meio constatada no nível linguístico, embora não deixamos de considerar também o emissor, nesse caso os jornalistas e redatores, e o receptor, o público-leitor dos jornais.

Dentro dessa perspectiva, este artigo propõe um estudo das relações entre língua e meio, através de uma reflexão sobre os empréstimos de palavras portuguesas inseridos nos jornais escritos em japonês no Brasil. Os empréstimos constatados no japonês falado ou escrito dentro do contexto japonês são de origem chinesa, cuja introdução aconteceu nos tempos remotos, ou de origem de línguas ocidentais, como inglesa ou de outras, de introdução mais recente. Nos textos de jornais japoneses redigidos no Brasil, constatamos, ao lado desses empréstimos de origem chinesa e de línguas ocidentais comumente utilizados no

Japão, a presença marcante – ainda que isso varie do tipo de artigos, textos, e também de um jornal para outro – dos empréstimos do português.

O artigo se divide em alguns capítulos, iniciando-se com “Os Jornais Japoneses do Brasil”, para explicitar o meio em que circulam, a sua função social informando notícias do Brasil, inclusive da colônia japonesa, do Japão e notícias internacionais junto às comunidades japonesas que se encontram majoritariamente na capital e interior dos Estados de São Paulo e Paraná, e em núcleos menores de outros estados. O capítulo “A Composição Léxica da Língua Japonesa” procura situar os estrangeirismos dentro do léxico japonês; e finalmente “Os Empréstimos do Português nos Jornais Japoneses Escritos no Brasil” é apresentado para observar, arrolando em alguns grupos o resultado da análise, a forma de emprego dos empréstimos do português constatados nos jornais japoneses do Brasil.

II. Os Jornais Japoneses do Brasil

Nos dias de hoje, no ano de 1993, publicam-se no Brasil três jornais diários escritos em língua japonesa, a saber, *São Paulo Shimbun*, *Jornal Paulista* e *Jornal Nippaku*, cuja tiragem é de quarenta mil exemplares cada, totalizando 120 mil exemplares, e com os quais visa atingir um público-leitor hoje bastante restrito, devido ao requisito da língua.

Trata-se de três periódicos diários que têm de 44 a 46 anos desde sua fundação no berço da colônia japonesa, e sua influência junto à comunidade japonesa do país tem sido muito grande não só antes mas também depois da Segunda Guerra Mundial. Segundo o livro *História de 80 Anos de Imigração Japonesa no Brasil* (1991), os imigrantes da primeira geração que não dominavam a língua portuguesa tinham, através desses jornais escritos em sua língua materna, acesso às notícias do seu país de origem, da colônia japonesa, e do Brasil em geral.

Antes da década de 70, em que as viagens aéreas ao Japão tornaram-se regulares e passaram a trazer os periódicos japoneses recém-publicados ao Brasil, a colônia japonesa tinha pouco acesso às notícias recentes do país de origem. Alguns outros periódicos foram editados, mas visavam informar apenas um tipo de público – os executivos das firmas japonesas –, longe de atender os imigrantes em geral, sobretudo aqueles residentes na zona rural, que dependiam da imprensa para tomar conhecimento das novidades não só da colônia mas até mesmo das conjunturas internacionais.

Hoje, os leitores dos jornais não se limitam a imigrantes e seus descendentes, incluem-se também os japoneses de permanência temporária para representar as firmas sediadas no Japão. Mas são os imigrantes os que mais participam, expressando suas opiniões sobre as questões que envolvem a comunidade na coluna de leitores, ou simplesmente enviando seus poemas como haicai e *tanka* (forma poética tradicional) para apreciação do mestre, no molde dos jornais japoneses.

São através desses jornais que eventos e projetos da colônia japonesa são divulgados para discutir e amadurecer os planos, solicitar doações, noticiando passo a passo os processos e os detalhes de realização. Os três jornais japoneses do Brasil, apesar de serem entidades particulares, exerciam e exercem ainda hoje o papel de boletim informativo das instituições e entidades representantes do Japão e da colônia japonesa, e também são considerados canais de ligação e comunicação entre si.

Os jornais, que em média comportam oito páginas, contêm sete escritas em japonês e uma em português. Dentre as páginas escritas em japonês, três se destinam à colônia e ao Brasil, incluindo reportagens, editoriais e opiniões de especialistas. Conforme o dia da semana, publicam-se “vozes dos leitores”, “colunas dos poemas” (haikai e *tanka*, os mais populares), escritos pelos próprios leitores da colônia, com classificação e comentários feitos pelo mestre. Outras três páginas cobrem as notícias referentes ao Japão, que se subdividem em notícias relevantes ou reportagens, ensaios, além da seção de esporte. Para notícias internacionais, ocupam-se entre uma a duas páginas. São as seções dedicadas às notícias da colônia e do Brasil que nos interessam para o nosso trabalho, incluindo-se também cartas e poemas escritos pelos leitores. As seções sobre o Japão e o mundo não foram objetos de nosso estudo, uma vez que são no geral escritas no Japão.

Em relação aos leitores desses jornais japoneses, vale destacar o considerável número dos imigrantes de primeira geração, que antes eram predominantes dentro da comunidade japonesa. Porém, este número diminuiu consideravelmente, na mesma proporção em que aumentaram os seus descendentes de segunda, terceira e quarta gerações, que passaram a não depender dos jornais japoneses para atualizarem as informações sobre o Brasil e o mundo, e que nem sempre conhecem suficientemente o japonês para ler as notícias sobre a colônia ou sobre o Japão. Dentro dessa perspectiva, a valorização e o poder de influência que esses jornais antes mantinham junto à colônia japonesa têm diminuído gradativamente.

Acrescida a isso, a introdução da edição internacional via satélite dos jornais do Japão fez com que diminuísse a dependência dos representantes das empresas japonesas em relação aos jornais publicados no Brasil para atualizarem suas informações sobre seu país. Também o fenômeno *dekassegui*, ou seja, a ida dos imigrantes e seus descendentes japoneses ao Japão em busca de emprego, que teve início na segunda metade dos anos 80, deve ter contribuído para reduzir ainda mais o número de público leitor.

Os jornais japoneses a que vamos referir neste artigo, nesse sentido, devem ter hoje em dia como público cativo os imigrantes japoneses, seus descendentes que lêem em japonês, executivos enviados pelas firmas japonesas e outros japoneses residentes temporariamente no Brasil, distribuídos majoritariamente na Grande São Paulo e seus arredores, interior de São Paulo, Estado do Paraná, e em número reduzido nos outros Estados.

Antes de entrar no tema de empréstimos do português constatados nesses

jornais, vamos nos referir primeiro à composição léxica da língua japonesa, segundo as origens ou procedências das palavras, para situar os estrangeirismos dentro do seu quadro.

III. A Composição Léxica de Língua Japonesa

No léxico da língua japonesa encontram-se integradas, em maior ou menor grau, palavras oriundas de diversas línguas estrangeiras. São, de um lado, palavras de línguas ocidentais de introdução relativamente recente, e, de outro, palavras chinesas incorporadas desde os tempos remotos no léxico japonês. A língua chinesa, junto com seus caracteres, tem exercido historicamente uma grande influência sobre a língua japonesa, e suas palavras constituem hoje um grupo bastante grande dentro do léxico japonês.

Por outro lado, as palavras de línguas ocidentais entraram pela primeira vez no país após a segunda metade do século XVI e, desde então, têm exercido uma considerável influência no léxico da língua japonesa. Chamamo-las *gairaigo*, que literalmente significa “palavras vindas de fora” ou “palavras estrangeiras”. Dentro dessa definição, a rigor, os vocábulos de origem chinesa também deveriam constar dentro deste grupo. Porém, as palavras consideradas chinesas encontram-se num nível mais avançado de integração dentro da língua japonesa, comparando-se às de origem ocidental e, assim, são consideradas um grupo à parte chamado *kango*, “palavras de Han” ou “palavras chinesas”. Assim, os dois grupos, distintos entre si, possuem cada qual suas características.

O léxico da língua japonesa, dessa forma, classifica-se em três grupos distintos, em princípio, conforme a origem e grafa-se em fonogramas (*hiragana* e *katakana*) e/ou ideogramas chineses cujas leituras podem ser chinesas ou japonesas:

- palavras de origem japonesa (chamadas *wago*), escritas basicamente em caracteres chineses e/ou em fonograma *hiragana*, combinando ideogramas e leituras japonesas;
- palavras de origem ou de característica chinesa (chamadas *kango*) que incluem palavras originárias da China e também as criadas no Japão, escritas em ideogramas aos quais se atribui a leitura chinesa; e
- palavras de origem ocidental (chamadas *gairaigo*), escritas em fonograma *katakana*, transcrevendo o som na pronúncia mais aproximada do original.

De acordo com uma pesquisa lingüística sobre o léxico empregado em noventa revistas, realizada em 1963, observamos que aproximadamente 50% dos termos mais utilizados são *kango*, de origem chinesa ou de característica chinesa, e de 35 a 40% de origem japonesa, restando os 10% ocupados pelos termos de origem ocidental e 5% pelos termos mistos de diversas origens (cf. Tanaka, 1984). O número de palavras de origem chinesa apresenta-se em quantidade maior do que as de origem japonesa no quadro global do léxico japonês, mas há

constatações de que as palavras de origem japonesa são utilizadas em frequência muito maior do que aquelas, atestando sua importância dentro do vocabulário básico da língua japonesa. Por exemplo, as partículas que indicam a relação sintática são sempre de origem japonesa, assim como muitos verbos e adjetivos.

A distribuição dessas palavras, no entanto, apresenta uma variação de acordo com o tipo de texto. Sabe-se que as palavras cotidianas são predominantemente de origem japonesa, e os termos técnicos e especializados, de origem chinesa ou de outra, conforme cada área. Explica-se, dessa maneira, a frequência maior das palavras de origem japonesa nos textos infantis, e as de origem chinesa nos textos filosóficos, onde predominam palavras de noções abstratas, e as de origem ocidental nos textos técnicos, onde é maior a ocorrência de termos específicos de sua área.

III.1. A relação entre a origem e a escrita das palavras

A diferenciação da origem dos termos se vê espelhada, em grande parte, na escrita, no aspecto visual do texto escrito. Muitas das palavras de origem chinesa são escritas em ideogramas e têm leitura chinesa (como 漢字, lê-se *kan-ji*, e significa “ideograma”), enquanto que as palavras de origem ocidental, assim como muitos dos sons onomatopaicos, são hoje sistematicamente escritas em um dos dois fonogramas, chamado *katakana* (como クリスマス, lê-se *ku-risumasu*, proveniente de *Christmas*). Quanto a palavras de origem japonesa, são ora grafadas totalmente em um fonograma chamado *hiragana* (como ひらがな, lê-se *hiragana*), ora totalmente em ideogramas, mas atribuindo-lhe leitura japonesa (como 平仮名, lê-se *hira-ga-na* também), ora grafadas parcialmente em ideogramas (parte dotada de conceito ou noção) e outra parte em fonograma *hiragana* (para flexões verbais e adjetivas, determinados sufixos) (como 書く, “escrever”, lê-se *ka-ku*, em que o ideograma inicial expressa a ação de escrever, e o fonograma que se segue especifica a flexão do verbo), mas raramente são escritos em *katakana*.

Assim, observamos uma certa sistematicidade na atribuição de função específica a cada tipo de letra, através da qual se reflete sua origem, ainda que isso não impeça de escrever as palavras de diferentes maneiras, como as palavras ocidentais em *hiragana* ou em ideogramas, para obter efeitos estilísticos.

Cada um dos tipos de letra possui seus traços característicos, o que facilita ao leitor uma visualização rápida de cada um deles, podendo distinguir um ideograma de um fonograma, ou melhor, um elemento que expressa por si só uma noção de um outro que representa um som. Essas distinções são de extrema importância para uma língua como a japonesa que não adotou, até agora, a separação entre uma palavra e outra (*wakachigaki*).

Quando se trata de distinguir as origens das palavras, percebemos, à primeira vista, os possíveis elementos de origem ocidental, pela escrita adotada hoje, que é em *katakana*, de outros elementos japoneses e chineses. As palavras de procedência chinesa, por outro lado, são escritas na sua grande maioria em

ideogramas, e as genuinamente japonesas são escritas em *hiragana*, em ideogramas, ou uma parte em ideogramas e outra em *hiragana*.

III.2. Histórico da introdução dos estrangeirismos no léxico japonês

Historicamente falando, desde quando os japoneses tiveram o primeiro contato com a China na antigüidade, por volta do século I a II, até o século XV, os olhos dos japoneses estavam voltados para a cultura milenar chinesa, o que os levou a estudá-la e a se inspirar nela, cultural e filosoficamente. Os estudiosos liam e apreciavam a literatura clássica chinesa, e tinham a consciência de que o texto formal devia ser escrito em chinês, até o fim da era Edo (1603-1867). Nessas circunstâncias em que a supremacia cultural desse país vizinho era de consenso entre a intelectualidade japonesa, era natural que se introduzisse grande quantidade de palavras chinesas a compor o quadro do léxico japonês.

Foi a partir do século XVI que o povo japonês teve o primeiro contato com os ocidentais, ou, especificamente, com os portugueses e espanhóis, através de quem conheceram, por exemplo, pão e cigarro, que a partir de então passaram a ser chamados *pan* e *tabako*, respectivamente.

Aos portugueses e espanhóis seguiram-se os holandeses, que introduziram no país, junto com os objetos, as palavras que os designam, como *garasu* (de *glas*, “vidro”), *buriki* (de *blik*, “latão”). Foi nessa época (século XVI) que os japoneses tiveram, através dos estudos holandeses, o acesso a ciências naturais do Ocidente, tais como a medicina, a botânica, a físico-química, a astronomia. E para designar os termos técnicos, muitas palavras holandesas foram introduzidas. Nota-se que, a cada contato com diferentes povos, propiciou-se um intercâmbio de influências que resultaram, a nível lingüístico do japonês, na introdução de palavras cuja noção transmitia um conceito até então desconhecido do povo.

Mas foi com a abertura dos portos, pouco antes da Revolução Meiji, que o povo japonês teve um verdadeiro acesso às informações vindas do Ocidente, em todos os níveis, até então bastante restritas devido a limitações de contato com outros povos do além-mar. Para expressar os conceitos novos, colhidos através da cultura européia, os japoneses adotaram a tradução, mas criando novas palavras ao estilo chinês, mediante a combinação de ideogramas chineses – com suas respectivas leituras chinesas – que traduzissem o significado da palavra original. Para realizar essa tarefa, os lingüistas e estudiosos da era Meiji valeram-se da tradição cultural chinesa até então estudada e considerada como a única ciência legítima. Os fatores que contribuíram para a adoção de palavras com características chinesas foram:

- a vantagem que ofereciam sobre as palavras de origem japonesa, quanto à economia de letras,
- a facilidade de formar compostos sem necessidade de flexionar os elementos componentes como nas palavras japonesas,

a facilidade de anexar prefixos e sufixos a radicais, tal como no original, de línguas ocidentais, o que facilitava a tradução, enquanto que no japonês a ordem sintática é completamente diferente para criar esse tipo de derivações (cf. Furuta, 1976).

Entretanto, à medida que se aprofundavam no estudo de línguas ocidentais, os estudiosos passaram a valorizar a fidelidade ao original. Acrescia-se a isso uma tendência de queda no nível de conhecimento da cultura chinesa entre os estudiosos das línguas ocidentais. No início da era Meiji, sim, os lingüistas possuíam um profundo conhecimento do chinês, aliado à valorização da cultura chinesa e à admiração pela mesma, o que já não aconteceu com os estudiosos posteriores, voltados mais para a cultura européia, dificultando a tradução para palavras de característica chinesa. Outro fator que reforçou essa tendência foi a restrição numérica dos ideogramas, instituída pelo Ministério de Educação e Cultura após a Segunda Guerra, que, como resultado, freou a expansão das traduções de termos de origem ocidental para *kango*, escrito em caracteres chineses. Dessa forma, muitos termos estrangeiros passaram a ser grafados em *katakana*, um dos fonogramas, prática que até hoje se estende.

Atualmente, o número de estrangeirismos – principalmente os de origem inglesa – aumenta a cada dia, à medida que o fluxo de informações do exterior tem aumentado consideravelmente no Japão. O rápido processo de ocidentalização que o país viveu no período do pós-guerra foi acompanhado pela introdução de novos conceitos e surgimento de novas maneiras e mentalidades que buscaram no plano lingüístico suas expressões nos estrangeirismos.

Eis algumas finalidades relevantes para as quais os estrangeirismos de origem ocidental passam a ser adotados:

- para designar concepções e objetos novos, tais como as palavras técnicas de determinada área (ex.: *wâpuro*, abreviação de *word processor*, “processador de textos”; *pasokon*, abreviação de *personal computer*);
- para suprir lacunas surgidas entre o que um novo objeto ou uma noção representa e o que uma palavra existente designa, tal como a palavra *apâto*, de *apartment*, “prédio de estilo ocidental de vários andares que serve de moradia coletiva”, em contraposição à palavra anteriormente existente *nagaya*, “casa de estilo tradicional, geralmente de madeira e de um só andar que serve de moradia coletiva”;
- para atenuar a expressão de uma palavra já existente através da substituição, verificada, por exemplo, na preferência da palavra *matanitii doresu*, de *maternity dress*, à palavra japonesa *ninpufuku*, “roupa para gestantes”;
- para causar novas sensações pelo som ou pelo visual da grafia, recurso muito utilizado na publicidade comercial, tal como o emprego da palavra *furesshu*, de *fresh*, em vez de utilizar *shinsen*, “fresco”

Nos dois primeiros itens, percebe-se a função primordial das palavras (cf. Barbosa, 1981), que permite transmitir um conceito cultural entre os membros de uma dada comunidade. No entanto, nos dois últimos itens, notamos mais for-

temente a função simbólica das palavras, que é a de “evocar uma cultura, uma ideologia ou uma filosofia dominante”. Ao evocar uma cultura estrangeira, diferente da do país, um estrangeirismo acaba, como consequência, atenuando o referente que, se fosse expresso normalmente na língua do país, soaria de maneira crua e incisiva.

Embora os jovens de hoje não sintam tanta resistência em usar ou ouvir os estrangeirismos, por terem uma certa familiaridade com as línguas estrangeiras, a alta frequência de emprego desses empréstimos como signos e como signos-símbolos em diferentes contextos tem causado uma polêmica entre os falantes comuns e lingüistas japoneses. Alguns defendem o emprego das palavras estrangeiras como necessário, uma vez que se trata de introduzir noções e idéias novas, vindas de outros países, e justificam-no como resultado dos contatos mais intensos com outros países, como reflexo da internacionalização do Japão; outros criticam-no como abuso, alegando dificuldade de compreensão e de comunicação por parte dos falantes e leitores da língua.

Apesar da polêmica, o quadro do emprego cada vez mais freqüente dos empréstimos na língua japonesa reflete de um lado a realidade em constante mudança e adaptação, e de outro, a facilidade do povo japonês em aceitar tais palavras estrangeiras a fazerem parte do léxico de sua língua, e também em utilizá-las não só para designar objetos e conceitos novos, mas também como signos-símbolos, privilegiando-as no contexto comercial.

IV. Os Empréstimos do Português nos Jornais Japoneses Escritos no Brasil

Como vimos no capítulo anterior, a introdução e o emprego dos estrangeirismos constatados na língua japonesa do Japão reflete a consciência social e lingüística dos falantes, a maneira como eles apreendem a realidade externa para “traduzi-la” no universo lingüístico.

A língua japonesa utilizada no Brasil, por sua vez, deve apresentar características diferentes enquanto forma de expressão da cultura não-lingüística à qual os falantes pertencem. O sistema lingüístico do japonês vale tanto no Japão como no Brasil, mas as normas podem diferir, uma vez que para os falantes do Japão a língua japonesa é a língua oficial, enquanto que no Brasil é a língua falada apenas na comunidade japonesa, ou então no âmbito familiar, e mesmo dentro desses meios, somente por aqueles que a dominam.

A nível do léxico, notamos claramente que palavras de origem portuguesa, tupi, ou de outras origens, comumente utilizadas no cotidiano brasileiro são incorporadas dentro da fala ou da escrita japonesa no Brasil, refletindo o meio brasileiro com o qual os falantes estão em contato constante.

Nos jornais a que nos referimos anteriormente, constatamos uma série de palavras usadas só no Brasil, cuja tradução em japonês é apresentada no contexto ou entre parênteses, ou simplesmente sem tradução. A transliteração desses termos é feita por um dos fonogramas chamados *katakana*, sofrendo dessa for-

ma adaptação para os fonemas mais próximos do japonês. Nota-se também o uso das siglas em alfabeto romano, como nos textos em português e outras línguas ocidentais, prática também adotada nos textos escritos no Japão, para escrever nomes ou palavras ocidentais que, se escritos por extenso em *katakana*, tornar-se-iam longos demais.

Fazendo um levantamento nos três jornais japoneses editados em São Paulo, coletamos os dados constatados nas seções referentes ao Brasil e à colônia, especificamente artigos de notícias nacionais, editoriais, crônicas, reportagens, colunas dos leitores, colunas dos grupos de leitores-poetas de haikai e *tanka*, além de anúncios. As notícias internacionais não foram objeto de nosso estudo por serem freqüentemente escritas no Japão pelos jornalistas japoneses. Foram coletados os dados de: *Jornal Paulista* (dias 25, 28, 29, 30 e 31/janeiro/92), *São Paulo Shimbun* (dias 25, 28, 29, 30 e 31/janeiro/92) e *Diário Nippaku* (dias 23, 24, 28, 29 e 30/janeiro/92). Os três jornais foram considerados como um só, sem distinção entre um e outro, por não ser nosso objetivo destacar suas diferenças.

IV.1. Levantamento e análise

As palavras coletadas foram classificadas de acordo com as formas como são apresentadas no texto:

1. Emprego das abreviações romanas, como siglas de instituições e nomes de impostos, tais como se encontram nos textos escritos em português, acompanhadas de tradução em japonês, entre parênteses. Exemplo:

INAMPS(...), FIESP(...), INSS(...), IPVA(...), ICMS(...)

A reticência se refere à tradução japonesa. A disposição dessas letras romanas são em linha vertical, seguindo o padrão de todos os textos escritos em vertical, exceto os anúncios, escritos em horizontal.

2. Nomes por extenso em japonês, seguidos de sigla, em alfabeto romano, com ou sem parênteses:

... OAB

... (GLP)

... (QAV)

3. Nomes em português, porém escritos em *katakana*, seguidos de tradução em japonês, entre parênteses. Como no item 1, é recurso adotado também nos jornais escritos no Japão, para escrever certas palavras estrangeiras de pouca familiaridade ao leitor. Apresenta o termo como se diz no país estrangeiro, buscando mostrar maior precisão aos leitores, para em seguida escrever a tradução em japonês, visando compreensão. Exemplo:

sonegason (...) – palavra “sonegação” em *katakana*, seguida de tradução entre parênteses, escrita em ideogramas.

jiria (...) – *idem* anterior, com palavra “gíria”

erozon (...) – *idem* anterior, com palavra “erosão”

atta (...) – *idem* anterior, com palavra “ata”

4. Emprego dos estrangeirismos de origem alemã ou inglesa, utilizados no Japão, acompanhados de palavras correspondentes em português, entre parênteses, escritos todos em *katakana*:

kontsuerun (konguomerado) – *Konzern* (conglomerado)

furêto (carêto) – *freight* (carreto)

Esse cuidado deve partir do ponto de vista do jornalista de que certos leitores podem não conhecer esses estrangeirismos, que mesmo no Japão não se empregam com frequência.

5. Palavras de origens portuguesas ou tupi, que se referem à natureza ou algo típico do Brasil e que não encontram tradução equivalente em japonês, escritas em *katakana*, mas sem explicação no contexto nem entre parênteses. São: piracema, ipê, ipê-roxo, jacarandá, sucuri, bem-te-vi, copo-de-leite, jangada, piranha, jaca, pinga etc...

As palavras relacionadas à natureza são elementos necessários para composição de poemas como haicai. Houve até um poema que incluiu o sintagma nominal “ipê-roxo”, nome com o qual a árvore e as flores são conhecidas, para fazer parte dos seus versos.

Outras palavras, como:

feijoadá, rodízio, churrascaria, escola de samba,

empregadas em outros artigos, também são escritas em *katakana*, sem tradução. Isso porque pressupõe dos leitores o conhecimento prévio dessas palavras por se referirem a costumes do país em que vivem.

Da mesma forma, certas palavras como:

manobrista, camarada (empregados contratados da zona rural), fundão,

que para os residentes no país certamente são de certa familiaridade, mas não possuem um termo equivalente em japonês, e portanto requer uma explicação longa para quem desconhece o universo e o cotidiano brasileiro, são escritas sem tradução.

6. Os nomes de produtos agrícolas estão geralmente em português, escritos em *katakana*. Exemplo:

miiryo (milho), *arugodon* (algodão), *fejon*, *feijon*, *feijon-mame* (feijão), *sôja* (soja), *abacashii* (abacaxi), *morango* (morango) etc.

(Obs.: para transcrição de uma palavra uma vez escrita em letras japonesas, temos adotado o sistema Hepburn, o que diferencia a escrita do original.)

Quando se trata de produtos agrícolas, cujo mercado é de grande interesse para os produtores rurais que compõem uma faixa considerável dos leitores de jornais, o que pode ser verificado pela publicação periódica da cotação de preços de produtos agrícolas de uma certa cooperativa agrícola, a tendência é

de transliterar todas as palavras usadas no Brasil, mesmo quando há palavras equivalentes no japonês, como é o caso de soja (*daizu*), milho (*tômorokoshi*). Como certas palavras têm e outras não têm as traduções correspondentes em japonês, a medida tomada para publicação da cotação de tais produtos parece ter sido a de unificação em português, seja por praticidade por parte de quem escreve (no caso, a cooperativa), seja para dispensar as eventuais necessidades de tradução do japonês para o português, mesmo da parte dos leitores-produtores e revendedores, que têm contato freqüente com os não-falantes de japonês na atividade do seu dia-a-dia.

Observamos, dentre esses nomes, certa oscilação na forma de grafar em *katakana* entre um artigo e outro, como é o caso de feijão acima citado, entre *feijon*, *fejon*, transcrição da maneira como escutam, sem levar em consideração a escrita do português, e *feijon-mame*, uma explicação da palavra “feijão”, acrescentando a palavra *mame*, “grão”, uma vez que não se encontra nenhuma tradução correspondente em japonês.

7. Emprego das palavras usadas no Brasil como substituição de estrangeirismos utilizados no Japão. Quanto a esses estrangeirismos adotados no Japão, são palavras que se referem a algo que não existia antes, ou para substituir ou coexistir junto com uma palavra existente, acrescentando uma conotação mais moderna, ocidental. Para os japoneses do Japão, esses estrangeirismos passaram a expressar e a refletir a rápida ocidentalização que o país vivia principalmente depois da Segunda Guerra.

Para muitos dos imigrantes japoneses que saíram do país de origem antes ou logo após a Segunda Guerra, os estrangeirismos introduzidos ou difundidos posteriormente no Japão – de origem inglesa ou de outra língua, na sua maioria – são de pouca familiaridade, devido à distância que tiveram em relação ao crescimento do Japão, e com a mídia japonesa ao longo de sua estadia no Brasil.

Devido a essas circunstâncias, verifica-se que, para os residentes no Brasil, certas palavras em português adquiriram conotação mais familiar do que as de origem inglesa, uma vez que são usadas pelos familiares e pela comunidade.

As substituições observadas são as seguintes, que normalmente são grafadas em *katakana*:

- *dansariina* de “dançarina” (substitui *dansâ*, de *dancer*);
superumerucâdo, de “supermercado” (substitui *sûpâmâketto* ou simplesmente *sûpâ*, de *supermarket*);
- *onibusu*, de “ônibus” (substitui *basu*, de *bus*);
- *nobêra*, de “novela” (substitui *dorama*, de *drama*);
- *sorisuta*, de “solista” (substitui *soristo*, de *solist*);
- *rimitte*, de “limite” (substitui *rimitto*, de *limit*);
- *aparutamento* (substitui *apâto*, forma simplificada de *apâtomento*, de *apartment*);
- *fesuta*, de “festa” (substitui *pâtii*, de *party*);

- ebento*, de “evento” (substitui *ibento*, de *event*);
- furamengo*, de “flamengo” (substitui *furamingo*, de *flamingo*);
- soburemêza* de “sobremesa” (substitui *dezâto*, de *dessert*);
- garuson*, de “garçon” (substitui *ueitâ*, de *waiter*);
- manekin*, de “manequim” (substitui *moderu*, simplificando a palavra *fashion model*);
- *masumedia*, de *mass media* (substitui *masukomi*, fora simplificada de *masukomyunikêshon*, que provém de *mass communication*);
- *papainoeru*, de “Papai Noel” (substitui *santakurôsu*, de Saint Claus);
- *natâru*, de “Natal” (substitui *kurisumasu*, de *Christmas*).

Observamos que esse tipo de exemplos foi freqüente em todos os jornais examinados, junto com os itens anteriores 5 e 6.

8. Algumas palavras em que se misturam o inglês e o português:

- *resutorante*, como junção da palavra *resutoran* (de *restaurant*), comumente usada no Japão, e a parte final do português “restaurante”;
- *sarâda*, escrito com o som longo no *ra*, devido ao acento do português, mas a palavra usada normalmente no Japão é *sarada*, com acento que recai no *sa*, de *salad*.

9. Oscilação entre as palavras utilizadas no Brasil e os estrangeirismos utilizados no Japão, ambos escritos em *katakana*, às vezes no mesmo artigo:

serubêja (cerveja) / *biiru* (beer)

baire (baile) / *dansu pâtii* (dance party)

que parece mostrar a atitude do jornalista que se divide entre as duas possibilidades de escolha. De um lado, a opção permitida na comunidade japonesa do Brasil, e de outro, a possibilidade oferecida pelas normas da língua japonesa do Japão.

10. A estrutura fonética da língua japonesa se apresenta de maneira bastante simples. Pode ser: só vogal, ou consoante e vogal, basicamente, não existindo consoantes independentes. Quando houver necessidade de transliterar uma palavra estrangeira, a letra correspondente a cada consoante independente será transcrita como uma consoante acompanhada de vogal. Conseqüentemente, as palavras escritas em fonogramas tendem a apresentar um número maior de sílabas do que no original. Assim, tornou-se prática comum fazer as supressões da parte final da palavra, como *terebi*, que vem de *television*, ou *sûpâ*, de *supermarket*. Nos jornais japoneses do Brasil, encontramos a palavra:

- *toronba*, de “trombadinha”,

apresentando o mesmo mecanismo de simplificação adotado para estrangeirismos no Japão.

11. Formação de palavras derivadas e compostas com os empréstimos do português:

dai-sekka = grande seca;

semi-shinsha = carros seminovos;
enshâda-nô = agricultura à base da enxada;
jinzai-kadasutoro = cadastro de recursos humanos;
fabêra-jûmin = habitantes da favela.

São exemplos que atestam um certo grau de integração e aceitação dos empréstimos do português, pelo menos dentro das comunidades onde circulam esses jornais. De forma geral, a formação de palavras na língua japonesa com os termos de origem não-japonesa apresenta certas facilidades, uma vez que basta fazer as justaposições de elementos de acordo com a sintaxe da língua japonesa, como determinante/determinado, como se verificam nos exemplos citados, com os empréstimos do português.

12. Expressão do português, traduzida parcialmente para o japonês:

enshâda-o hipparu = puxar enxada;

coletada da carta de um dos leitores. A expressão mostra, de um lado, o empréstimo “enxada”, e de outro a influência do português para a feitura da expressão inexistente no japonês do Japão.

Vimos, assim, diferentes aspectos dos empréstimos do português constatados nos jornais japoneses escritos no Brasil. Nos itens 1, 2 e 3 constatamos os recursos utilizados também no Japão, para apresentar as palavras estrangeiras, acompanhadas de tradução em japonês. No item 4, apresentamos os estrangeirismos empregados no Japão, acompanhados de tradução em português, que seria de maior familiaridade para os leitores. Verificamos que esses primeiros quatro itens se encontram nos artigos referentes a assuntos econômicos, políticos, editoriais e alguns ensaios, preocupados em informar com precisão os dados comentados.

Os itens 5, 6 e 7 são os que maior freqüência apresentaram em todos os jornais, com as palavras escritas no contexto sem explicação ou tradução, na sua grande maioria encontradas nas páginas em que informam as notícias sobre a colônia japonesa, nas cotações de produtos agrícolas, nos poemas e nas reportagens sobre o Brasil. São palavras de origem portuguesa ou tupi que não possuem traduções simples em japonês, designando objetos ou costumes familiares para os leitores residentes no Brasil, ou então, são as que substituem os estrangeirismos de origem inglesa empregados no Japão.

O item 8 mostra as influências que os estrangeirismos de diferentes origens exercem sobre quem escreve, assim como no item 9 em que o jornalista usa ora um, ora outro para expressar o mesmo objeto. Os itens 10 e 11 apresentam como o mecanismo da língua japonesa funciona também com os estrangeirismos de origem portuguesa, adotados fora do Japão. E finalmente no item 12, temos um exemplo para ilustrar a influência do português, não só a nível léxico mas também a nível de expressões.

Nas manchetes de anúncios, observamos a ocorrência maior em usar as palavras do português em fonograma *katakana*, o que nos leva a concluir que dessa forma desejam chamar a atenção inclusive dos que têm maior dificuldade

em ler ideogramas. As palavras eram “esgoto”, “máquina”, “cadastro”, cuja tradução em japonês era freqüentemente escrita nas linhas abaixo, para explicação detalhada da manchete.

O que é marcante no emprego do português nos textos japoneses é, acima de tudo, a necessidade de expressar objetos e fatos que fazem parte da realidade dos falantes, envolvendo o emissor e o receptor. Paralelamente, através da opção pelo emprego das palavras usadas no Brasil, mesmo existindo seus correspondentes em japonês, na maioria estrangeirismos de origem não-portuguesa, podemos imaginar a figura do emissor, os jornalistas ou os redatores, que pressupõem os leitores vivendo a mesma realidade.

Em linhas gerais, vale destacar, no emprego dos estrangeirismos nos jornais japoneses do Brasil, a função primordial das palavras, a de transmitir as informações, os conceitos, as idéias que não podem ser facilmente traduzidos em japonês, e também certos valores culturais próprios dos que vivem no Brasil, diferentes dos valores que circulam no Japão. Nesse sentido, a função simbólica dos estrangeirismos conferida no Japão – que é de evocar uma cultura estrangeira, exótica – parece não encontrar o seu equivalente nos empréstimos do português constatados nos jornais japoneses do Brasil. Esses termos evocam, mais do que exotismo, o consenso entre o emissor e o receptor, a pressuposição do emissor em relação ao receptor como um outro membro da mesma comunidade, ou do grupo de falantes de japonês que convivem num meio social brasileiro, distinto do japonês.

Bibliografia

- BARBOSA, M. A. *Léxico: Produção e Criatividade. Processo do Neologismo*. São Paulo, Global, 1981.
- COMISSÃO Organizadora da Redação da História de 80 Anos de Imigração Japonesa. *História de 80 Anos da Imigração Japonesa*. São Paulo, Burajiru Nihon Bunka Kyökai, 1991.
- COSERIU, E. *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid, Gredos, 1967.
- . *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.
- DUBOIS, J. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Livr. Eldorado Tijuca Ltda., 19 Janeiro, Eldorado, 1974.
- FURUTA, T. “Yakugono Mondai” (“Os Problemas das Palavras de Tradução”). In: *Gairaigo (Estrangeirismos)*. Tóquio, Bunkachô, 1976.
- HABEIN, Y. S. *The History of the Japanese Written Language*. Tokyo, University Tokyo Press, 1984.
- ISHIWATA, T. *Nihongono nakano gairaigo (Os Estrangeirismos dentro da Língua Japonesa)*. Tóquio, Iwanami Shinsho, 1985.
- KOKURITSU KOKUGO KENKYÛJO. *Goino Kenkyûto Kyôiku (As Pesquisas e o Ensino do Léxico)*. Tóquio, K.K.K., 1985.
- MOLICA, C. e RONCARATI, C. *Enfoques sobre Amostragem em Sociolingüística*. São Paulo, Delta, 1991, vol. 7, nº 2.
- TANAKA, A. “Goshuron no Kadai” (“Os Problemas da Teoria de Tipos de Palavras”) In: *Nihongogaku (Estudos da Língua Japonesa)*. Tóquio, Meiji Shoin, 1984, vol. 5.